

SVEVA CASATI MODIGNANI

A FAMÍLIA SOGLIANO

Tradução de Regina Valente

ORSOLA E EDOARDO

1

Saverio bateu várias vezes à porta, sem obter resposta. Então rodou a maçaneta e entrou no quarto imerso na penumbra. A luz da manhã penetrava através das persianas e um raio de sol iluminava o quarto dos pais. O macio tapete francês sobre o qual avançou permitiu-lhe aproximar-se da cama sem fazer ruído.

A mãe dormia profundamente. Saverio inclinou-se sobre ela.

– Mãe – sussurrou.

Orsola encrespou por um instante os lábios mas não reagiu.

– Mãe – repetiu, com uma voz mais decidida.

Ela abriu os olhos. Saverio afagou-lhe a testa e sentou-se ao lado dela, na beira da cama.

Orsola gostaria de poder retomar o sono e colocar uma barreira entre ela e a realidade.

– Mamã, tens de te levantar. Já começaram a chegar as visitas – pediu-lhe, com uma voz persuasiva.

– Não me importa. Quero que me deixem em paz – balbuciou Orsola.

– Sentes-te mal outra vez? Chamo, de novo, o médico? – perguntou, preocupado, porque na noite anterior Orsola tinha desmaiado.

Sergio de Santis, médico da família há vinte anos, chamado de urgência, tinha-lhe medido a tensão e receitado imediatamente um medicamento para a baixar, afastando assim riscos mais sérios. Depois tinha-lhe dado uma injeção que a enviou para o mundo dos sonhos, ao mesmo tempo que lhe dizia:

– A morte do teu marido não te atingiu apenas a ti, mas a toda a família. Sempre foste uma mulher forte; arranja coragem, porque todos precisam da tua ajuda.

Quando se foi embora recomendou que a deixassem descansar o máximo de tempo possível.

Agora Orsola teria continuado a dormir se o filho mais velho não a tivesse acordado, trazendo-a de volta a uma realidade que era muito semelhante a um pesadelo.

– Vou sentir-me pessimamente se não te fores embora – disse então, com um tom de lamento.

Saverio emitiu um suspiro resignado, levantou-se e concluiu: – Está bem. Eu invento qualquer coisa. – Beijou-a na face e saiu do quarto.

Orsola sentiu-se invadir por uma onda de angústia que lhe apertou a garganta. Nunca imaginaria que aos 50 anos, depois de uma existência serena, a vida lhe fosse reservar, numa rápida sucessão, duas provas tão difíceis e dolorosas: a primeira, a perda repentina do marido, morto num acidente de automóvel e, logo a seguir, a descoberta casual de um segredo inquietante.

Pensou na multidão de parentes e amigos que a esperavam no andar de baixo. Não conseguia enfrentar abraços, apertos de mão, palavras de conforto, olhares carregados de pena, porque o seu sofrimento estava para além do luto que a atingira.

Pouco depois a porta do quarto voltou a abrir-se e perfilou-se à entrada a silhueta delgada de Margherita, a sogra.

– Posso entrar? – perguntou, num fio de voz.

Orsola acendeu a luz da mesa de cabeceira, sentou-se na cama e respondeu:

– Entre, mãe, sente-se ao pé de mim.

– Como te sentes, filha? – perguntou a velha senhora.

Margherita Sogliano era a sogra que qualquer mulher gostaria de ter. Doce, generosa, colaboradora, nunca invasiva, tinha conseguido que Orsola, ao entrar em casa dos Sogliano, se sentisse imediatamente à vontade. Percebera que não era fácil, para uma rapariga de 20 anos, que vinha do norte, filha de um sapateiro, a adaptação aos hábitos daquela família e da gente de Torre del Greco. A sogra,

mais do que Edoardo, tinha-a levado pela mão, conduzindo os seus passos pelo mundo fascinante do coral.

Os Sogliano eram ricos, com uma fortuna que remontava aos primeiros decénios do século XIX. Não pertenciam à aristocracia de sangue, mas à do coral. Com efeito, o mercado mundial do precioso material vermelho apanhado no mar estava nas suas mãos e nas mãos de mais umas poucas famílias que há duzentos anos viviam e trabalhavam naquela pequena cidade agarrada às encostas do Vesúvio. Eram armadores, pescadores, caçadores de negócios e artesãos dotados de fantasia e extraordinário talento artístico. Definiam-se como «a gente do coral». Residiam em grandes moradias e antigos palácios que eram também sede das suas empresas. Para além dos quartos, dos salões, das salas de estar, havia também armazéns, laboratórios e escritórios, animados desde a madrugada até à noite por um incessante ruído de vozes, pelo rumor das máquinas, pelos choros e pelas gargalhadas das crianças e pelas canções de amor cantadas pelas operárias. E quando os patrões e os empregados almoçavam, entrecruzavam-se confidências apenas sussurradas e o aroma do café sobrepunha-se ao cheiro intenso a mar do coral que não se dissipava nem sequer depois de os ramos terem sido lavados uma e outra vez, desbastados, cortados e polidos.

O coral encerra dentro de si o fascínio do mar e o mistério de uma natureza situada no limite entre o reino mineral, vegetal e animal. De facto, não é um mineral, apesar de parecer uma pedra, não é um vegetal, apesar de ter o aspeto de uma planta, e não parece ser um animal, apesar de nascer das secreções de milhões de minúsculos animais que lhe conferem robustez e a cor do sangue.

Orsola respondeu então a Margherita, quando esta lhe perguntou como se sentia:

– Devia ser eu a perguntar-lhe como se sente.

Pegou na mão da sogra e apertou-a com força.

– Deus dá, Deus tira – sussurrou Margherita, com um suspiro carregado de tristeza.

Orsola gostaria de poder replicar que ela tinha uma dor a mais, mas não queria acrescentar ao sofrimento daquela mãe mais uma mágoa.

– Daqui a pouco vão trazê-lo para casa e, até amanhã, ainda vai ser nosso – prosseguiu Margherita. E acrescentou: – Agora devias levantar-te e enfrentar a situação. Vai fazer-te bem, porque a dor precisa de companhia para se tornar suportável.

Orsola observou aquele rosto marcado pelos anos, os olhos claros enevoados de lágrimas, os lábios finos dobrados pelo sofrimento e, num impulso, abraçou-a. Chegou-se muito a ela e confessou-lhe:

– Não consigo enfrentar os amigos e os parentes; ainda preciso de estar só.

– O teu marido já cá não está, vais ter muito tempo para a solidão – disse Margherita, ao mesmo tempo que se libertava dos braços da nora. – Agora vais ter de cumprir o teu papel na família e na nossa comunidade. Tu és a senhora Sogliano, lembra-te disso – pediu-lhe com ternura.

Orsola pensou que, precisamente porque era a senhora Sogliano, não podia apresentar-se às visitas, uma vez que estava demasiado confusa e perturbada com aquilo que tinha descoberto na noite da morte do marido.

– Veste-te e desce – disse Margherita ao sair do quarto.

Quando ficou sozinha, Orsola levantou-se e entrou na casa de banho. A luz intensa do dia irrompia através da porta envidraçada que dava para o jardim e, por um instante, cegou-a. Inclinou-se sobre o lavatório, abriu a torneira da água fria e molhou o rosto. Depois secou-se, despiu a camisa de noite e entrou na cabina do chuveiro. Deixou que os jatos quentes da água lhe fustigassem o corpo enquanto recordava tudo o que tinha acontecido na noite anterior.

Era hora de jantar e, juntamente com os filhos, estava à espera de Edoardo para se sentarem à mesa, quando o telefone tocou. Atendeu ela. Um comandante da polícia informou-a sobre o acidente de automóvel em que Edoardo perdera a vida. Dirigiu-se então rapidamente de carro a Nápoles, ao Hospital Cardarelli, acompanhada pelos filhos, para o reconhecimento do corpo. Depois regressou a Torre del Greco para ir buscar a roupa que devia levar ao hospital para vestir o marido.

Finalmente entrou no escritório de Edoardo e abriu uma gaveta da secretária à procura de dinheiro. No meio dos papéis encontrou

uma fotografia a cores que retratava um lindo rapazinho de olhos amendoados. Vestia uma *T-shirt* branca e tinha na mão uma raquete de ténis. Sorria para a objetiva. Teria 9 ou 10 anos. Observou a fotografia distraidamente, com os olhos enevoados de lágrimas e o coração apertado pelo sofrimento, porque o seu adorado marido, o pai dos seus fantásticos filhos, jazia numa mesa da morgue.

Ao atirar a fotografia para a gaveta, esta virou-se ao contrário e revelou, na parte de trás, umas linhas escritas com uma caligrafia infantil:

Querido pai, quando vieres ter comigo a Hong Kong vou desafiá-lo para uma partida de ténis e tu vais ver como eu tenho estofos de campeão. Vem depressa, porque tenho muitas saudades tuas. O teu filho Steve.

Por baixo acrescentara: *12 de maio de 2013.*

Tinham passado dez dias desde aquela data. Os Sogliano, tal como outros industriais do coral, tinham um escritório de representação naquela grande cidade do Oriente, que era destino de frequentes visitas.

De repente, Orsola sentiu-se gelar. Começou a revistar a gaveta com as mãos trémulas e encontrou outras fotografias que retratavam o marido ao lado da criança. Em todas elas, os dois estavam abraçados e sorriam para a objetiva.

Fechou então a gaveta à chave, sentiu as pernas a tremer e desmaiou.

2

Desde o início do século XIX, os Sogliano viviam em Torre del Greco num palácio setecentista que pertencera aos Spinelli, uma nobre família napolitana a quem o compraram. Uma das portas do monumental portão da entrada tinha sido fechada em sinal de luto e o trânsito, naquele troço da via Umberto I, tinha sido desviado para permitir ao pessoal das cerimónias fúnebres a descarga do estrado, dos candelabros e dos panos de veludo negro e pesado que iam revestir a entrada e decorar o átrio e a escadaria, conduzindo a procissão de visitantes ao salão verde, onde seria colocado o caixão.

Margherita Sogliano tinha escolhido um caixão simples de madeira, sem frisos, para receber o corpo do filho, atingido aos 55 anos por um enfarte do miocárdio que o tinha matado, fazendo-o sair da estrada enquanto, ao volante do seu *Mercedes*, regressava a casa vindo de Nápoles: fora esse o relatório médico. Em poucas horas, a notícia do seu desaparecimento tinha dado a volta ao mundo e logo de manhã cedo começaram a chegar telegramas, flores, telefonemas e *e-mails* de condolências. Com a passagem das horas, mensagens de pêsames chegavam de Paris, Londres, Nova Iorque, Kobe, Tóquio, Hong Kong e Sidney.

Edoardo Sogliano era considerado, em Itália e no estrangeiro, como um dos mais importantes industriais do coral de Torre del Greco.

O jornal *Il Mattino*, de Nápoles, publicou uma ampla reportagem com fotografias que percorriam as etapas mais relevantes da sua vida. Aparecia retratado na corte do imperador do Japão, com

o presidente dos Estados Unidos, com a rainha Isabel de Inglaterra, no Parlamento de Estrasburgo, num congresso de biologia marinha em Melbourne, com o presidente da República Italiana no momento em que lhe atribuía uma comenda em Roma.

No salão verde, Margherita Sogliano, ao lado das duas filhas e dos netos, recebia os amigos que vinham expressar afeto e solidariedade. Pensou que aquela mesma cena se tinha repetido duas vezes: nos anos 60 quando, aos 18 anos, tinha morrido Michele, o seu primogénito, enviado a Nova Iorque pelo pai para acompanhar os negócios da família e para tomar conta da joalheria na Quinta Avenida. Dez anos depois foi a vez do marido, Saverio, ceifado por um cancro. Agora preparava-se para sepultar o seu segundo filho e Orsola, a viúva, ainda não tinha saído dos seus aposentos. Felizmente estava ali Saverio, o filho mais velho de Edoardo, que substituíra a mãe. Tinha 29 anos e era dotado, como o pai, de uma intuição vivaz para os negócios e, como a mãe, de um forte sentido da responsabilidade.

Margherita chamou Giulietta, a neta mais nova, que estava a receber umas colegas da escola.

– Diz, avó – disse Giulietta, indo ao encontro dela.

– A tua mãe não aparece e está toda a gente a perguntar por ela. Vai chamá-la – sussurrou-lhe.

– Tu já a chamaste e, antes de ti, o Saverio – murmurou a neta por sua vez.

Margherita acariciou-lhe os cabelos acobreados que lhe desciam sobre os ombros, enroscados como pequenas serpentes. Giulietta era a sua neta preferida porque nela, mais do que nas irmãs, Cristina e Paola, se revia a si mesma quando era jovem: os mesmos cabelos ruivos, o mesmo temperamento forte e alegre.

– Manda-a descer – ordenou-lhe então, com um tom que não admitia réplicas.

Orsola estava sentada em frente ao espelho do toucador a esperar os ganchos de tartaruga no farto *chignon* que lhe ornamentava a nuca. Vestia um *tailleur* em *georgette* de seda antracite. Ao pescoço trazia um colar de pérolas naturais em *torsade* com um fecho antigo de coral de Sciacca.

Giulietta entrou no quarto e parou a observá-la, refletida no espelho. A mãe era lindíssima e parecia ainda uma jovem. Sentiu o choro a apertar-lhe a garganta, enquanto constatava que nunca mais ia voltar a ver o pai ao lado dela.

Não conseguiu conter um soluço e só então Orsola se apercebeu da sua presença. Voltou-se, viu-a e foi imediatamente ter com ela para a abraçar e a apertar contra si, afetuosamente.

– Minha pequenina, tens mil e uma razões para desesperares e para te zangares comigo, que ainda aqui estou, em vez de estar lá em baixo contigo e com os teus irmãos. Mas agora tenho-te aqui apertada nos meus braços e não te deixo ir embora – sussurrou-lhe.

– Mas o pai deixou-me... não devia ter-me feito isto. Estou desesperada – balbuciou Giulietta, lavada em lágrimas.

– Estamos todos, minha pequenina – disse Orsola.

– Mas tu não choras, enquanto eu estou completamente perdida – confessou Giuglietta, a soluçar.

– Eu sou uma milanesa dura como uma sola e tu, pelo contrário, és doce como o teu pai. Coragem, vamos descer e reunir-nos ao resto da família.

Desceram juntas ao andar inferior e, mal se aproximaram do salão verde, ouviram o ruído das pessoas e a voz melodiosa das freiras que tinham vindo do convento próximo. Entraram no salão, cujas paredes estavam repletas de vitrines que continham algumas obras-primas da arte da joalheria concebidas pela empresa Sogliano desde o século. XIX.

No centro da sala, sobre um estrado recoberto de veludo cor de ouro antigo, estava pousado o caixão dentro do qual repousava Edoardo. Estava rodeado à cabeceira pelos filhos e pelas duas irmãs, Priscilla e Archetta. Só faltava Steve, o filho secreto, pensou Orsola, com o coração cingido num aperto doloroso.